

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA POLÍTICA

MARIANA PRANDINI FRAGA ASSIS

DIVERSIDADE E ESFERA PÚBLICA: CONEXÕES POSSÍVEIS

Um debate sobre reconhecimento no interior da Teoria Crítica

Belo Horizonte

2007

MARIANA PRANDINI FRAGA ASSIS

DIVERSIDADE E ESFERA PÚBLICA: CONEXÕES POSSÍVEIS

Um debate sobre reconhecimento no interior da Teoria Crítica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Mestra em Ciência Política.

Orientador: Prof. Dr. Leonardo Avritzer

Belo Horizonte

2007

MARIANA PRANDINI FRAGA ASSIS

DIVERSIDADE E ESFERA PÚBLICA: CONEXÕES POSSÍVEIS

Um debate sobre reconhecimento no interior da Teoria Crítica

Dissertação apresentada e aprovada junto ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Minas Gerais visando à obtenção do título de Mestre em Ciência Política.

Belo Horizonte, 19 de novembro de 2007.

Componentes da banca examinadora:

Professor Doutor Leonardo Avritzer (Orientador)

Professora Doutora Marlise Miriam de Almeida Matos – DCP/UFMG

Professor Doutor João Feres Júnior – IUPERJ

DEDICATÓRIA

A todas aquelas e a todos aqueles que, nas ocupações urbanas, nos assentamentos, nos aglomerados, nos canaviais, nos quartos de hotéis baratos, nas marquises, nos viadutos, nos apresentam, com grande riqueza de detalhes, o que significa e o quanto dói a negação do reconhecimento.

AGRADECIMENTOS

Chego ao final (final?!?) deste trabalho sem a certeza ou a sensação do dever cumprido. Saio mais órfã do que entrei, sem saber bem de onde venho (o direito?) ou para onde fui (a ciência política...). Mas se há algo de que estou plenamente certa é a necessidade do agradecimento (e quem sabe um pedido público de desculpas pelas ausências de todo tipo), um agradecimento sincero e fraterno a todos aqueles que compartilharam comigo momentos de profunda angústia, inquietação e insegurança, alegrias e descobertas, arrependimentos e desilusões, enfim, todos os sabores e dissabores que, queiramos nós ou não, acompanham o desenvolvimento de um trabalho acadêmico.

A meus queridos pai e mãe que, apesar de muitas vezes não entenderem minhas escolhas ou mesmo delas discordarem, sempre me forneceram o amor e o carinho indispensáveis à formação de minha identidade. Estendo esse agradecimento aos meus irmãos, Bê e Guigui, e a minha sobrinha, Analu, que tiraram dos meus finais de semana a dissertação e nele colocaram alegrias e risos;

Ao meu querido Franck, que aturou toda minha chatice, reclamações, choros e ainda colaborou com importantes discussões sobre o conteúdo do trabalho;

Ao professor Leonardo Avritzer, por sua paciência, compreensão, socorro no momento mais necessário e por todos os comentários ao meu texto, sempre pertinentes e instigantes;

À professora Marlise Matos (meu anjo da guarda no DCP), por ter me aberto os olhos, os ouvidos e o coração para as questões do feminismo, que hoje ocupam um lugar central em minha vida e por ter permitido, com sua atitude pró-ativa, a realização da defesa;

A tod@s colegas do Nepem (Breno, Marina, Aninha, Laurinha, Dani) pelos deliciosos momentos do grupo de estudos e da pesquisa, essenciais para muitas das questões aqui levantadas;

À querida amiga Ana Ogando, pela amizade sincera, presente nos momentos mais difíceis, e pelas divertidas e inquietantes parcerias intelectuais;

Aos colegas de turma, Alvino, Marcelo, Ana Paula, Alexandre, Raquel, Eduardo, pelo companheirismo e pela ótima recepção;

A todos os demais colegas do DCP, Fabrício, Lu Gaúcha, Marta, Lílian, Daniela, Felipe, Renato, que me apoiaram no momento mais difícil do percurso;

Aos professores do DCP, por terem me apresentado à Ciência Política e ela a mim, e, em especial, ao professor Bruno, por sua coragem e honestidade;

A Adilsa, sempre tão solícita e prestativa;

À Capes, pelo financiamento de meus estudos;

A todos os amigos e amigas (Rafa, Mari, Renata, Fada, Ana Paula, Brenda, Mestre Ray) que, mesmo distantes do meu mundinho dissertativo, sempre procuravam saber como andavam as coisas por aqui;

À Mafalda, companheira de todas as manhãs, tardes e madrugadas em frente ao computador.

“Desprezo

Desprezo era um lugarejo. Acho que lugar desprezado é mais triste do que abandonado. Não sei por quê caminhos o mundo me tirou do Desprezo para este Posto de gasolina na estrada que vai pra São Paulo. Acho quase um milagre. Quando a gente morava no Desprezo ele já era desprezado. Restavam três casas em pé. E três famílias com oito guris que corriam pelas estradas já cobertas de mato. Eu era um dos oito guris. Agora estou aqui botando gasolina para os potentados. Naquele tempo do Desprezo eu queria ser chão, isto ser: para que em mim as árvores crescessem. Para que sobre mim as conchas se formassem. Eu queria ser chão no tempo do Desprezo para que sobre mim os rios corressem. Me lembro que os moradores do Desprezo, incluindo os oito guris, todos queriam ser aves ou coisas ou novas pessoas. Isso quer dizer que os moradores do Desprezo queriam ficar livres para outros seres. Até ser chão servia como era o meu caso. Ninguém era responsável pelas preferências dos outros. Nem isso era uma brincadeira. Podia ser um sonho saído do Desprezo. Uma senhora de nome Ana Belona queria ser árvore para ter gorjeios. Ela falou que não queria mais moer solidão. Tinha um homem com o olhar sujo de dor que catava o cisco mais nobre do lugar para construir outra casa. Não sei por quê aquele homem com olhar sujo de dor queria permanecer no Desprezo. Eu não sei nada sobre as grandes coisas do mundo, mas sobre as pequenas eu sei menos.”

Manoel de Barros, Memórias Inventadas: A segunda infância

RESUMO

Duas correntes teóricas fundamentais, liberalismo e comunitarismo, se firmaram como especialmente relevantes nos debates contemporâneos acerca da questão de como lidar com reivindicações de grupos que demandam o reconhecimento público de suas características específicas. Este trabalho procura apontar, nesse debate, uma terceira perspectiva, comumente chamada “teoria crítica do reconhecimento”, que tem suas bases fundantes na tradição teórica inaugurada pelos estudiosos da Escola de Frankfurt. Percorre-se um caminho analítico diferenciado, com especial ênfase nas contribuições de Habermas, Honneth e Fraser. O objetivo central é encontrar, nessas contribuições, formas variadas de se conectar diversidade e esfera pública. Primeiramente, aponta-se que o conceito de esfera pública, gestado na obra de Habermas, foi fundamental para a revitalização do potencial emancipatório da democracia, embora não se encontre em seus trabalhos a origem de uma grande preocupação com a inclusão ou com o tratamento da diversidade/diferença nesse espaço. Em um segundo momento, analisa-se como Honneth, enquanto um seguidor da tradição da teoria crítica, discute o déficit sociológico na teoria habermasiana e, com sua noção ampliada de reconhecimento, procura iluminar alguns conflitos sociais até então invisibilizados. Com tal medida, ele abandona a centralidade que o elemento “esfera pública” tinha na teoria crítica e estabelece uma relação muito tênue entre reconhecimento e seu conceito excessivamente limitado de público. Finalmente, demonstra-se como Fraser, em grande parte devido à sua crítica do modelo burguês de esfera pública, é capaz de estabelecer uma nítida e forte conexão entre os dois elementos, em sua discussão sobre o reconhecimento. A noção de paridade de participação, em suas análises, demanda que a diferença/diversidade, como elemento integrante da esfera pública, não seja convertida em fonte de desigualdades ou entraves à participação. Como a questão central deste trabalho é o problema de se estabelecer uma vinculação positiva entre diversidade/diferença, reconhecimento e esfera pública, a teoria desenvolvida por Fraser aparece como a que melhor lida com as reivindicações por reconhecimento como uma questão pública.

Palavras-chave: Teoria Crítica – Diversidade – Reconhecimento – Esfera Pública - Conexões

ABSTRACT

Two fundamental theoretical standpoints, liberalism and communitarianism, have become especially relevant in contemporary debates that center upon the question of how to deal with claims from groups who demand public recognition of their specific characteristics. This work aims at pointing out a third perspective in this debate, commonly called the “critical theory of recognition,” which has its firm grounding in the theoretical tradition initiated by the scholars of The Frankfurt School. A distinct analytic path is traced with particular emphasis on the contributions of Habermas, Honneth and Fraser. The central objective is to discover, among these contributions, various ways of connecting diversity and the public sphere. First, the work points how the concept of the public sphere, developed in Habermas’ work, was fundamental for the revitalization of the emancipatory potential of democracy. Nevertheless, it is in his writings that one finds the origin of great concern either for the inclusion or the treatment of diversity/difference in this space. Second, it is analyzed how Honneth, as a follower of critical theory’s tradition, discusses the sociological deficit in Habermas’ theory and with his amplified notion of recognition seeks to shed some light on social conflicts until now, largely invisible. In doing so, he abandons the centrality that the element “public sphere” had in critical theory, and thus, establishes a very weak relationship between recognition and his excessively limited concept of the public. Lastly, it is showed how Fraser, due in great part to being a critic of the bourgeois model of the public sphere, is capable of establishing a clear and strong connection between the two elements in her discussions regarding recognition. The notion of parity of participation, given her concerns, demands that difference/diversity, as part of the public sphere, does not convert itself into a source of inequality or impairments to participation. Being that the central question of this work is the problem of establishing a positive connection between diversity/difference, recognition and public sphere, Fraser’s theory appears as the one which best treats the claims for recognition as a public concern.

Key-words: Critical theory – Diversity – Recognition – Public sphere – Connections

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 DIVERSIDADE E ESFERA PÚBLICA: Uma conexão necessária.....	15
2.1 Liberalismo e Comunitarismo: duas tradições teóricas em disputa nas análises das demandas por reconhecimento.....	24
2.2 Nem liberal nem comunitarista: a gestação de uma teoria crítica do reconhecimento.....	33
3 A SEGUNDA GERAÇÃO DA ESCOLA DE FRANKFURT, A INVENÇÃO DA ESFERA PÚBLICA E A MARGINALIDADE DA LUTA POR RECONHECIMENTO.....	39
3.1 A discussão sobre diversidade e reconhecimento na obra habermasiana.....	54
4 A CENTRALIDADE DA LUTA POR RECONHECIMENTO COMO CHAVE EXPLICATIVA DOS CONFLITOS SOCIAIS: O modelo de Axel Honneth.....	67
4.1 A reconstrução da teoria do reconhecimento hegeliana, a tentativa de uma inflexão empírica a partir de Mead e o reconhecimento como categoria de resistência e luta social.....	69
4.2 Honneth em debate com Fraser: a terceira forma de reconhecimento inserida na esfera do trabalho e seu reduzido potencial emancipatório.....	85
4.3 Reconhecimento e esfera pública em Honneth.....	88
5 O RECONHECIMENTO AVALIADO A PARTIR DA NORMA DA PARIDADE PARTICIPATIVA: Nancy Fraser e a explícita conexão entre reconhecimento e esfera pública.....	91
5.1 O debate inicial sobre esfera pública: os contra-públicos e o problema da suspensão das diferenças de status.....	93
5.2 A emergência das demandas por reconhecimento em um contexto “pós-socialista” e a permanência da necessidade de redistribuição da riqueza e da	

produção material.....	103
5.3 Reconhecimento, esfera pública e paridade de participação: um retorno ao tema da inclusão e abertura.....	113
6 CONCLUSÃO: Ou como vincular inclusão pública e reconhecimento?.....	117
7 REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	121